

Seminários de Estudos em Epistemologia e Didática - SEED

Prof. Dr. Nilson José Machado – Coordenador

Faculdade de Educação – USP

A Sociedade do Espetáculo e/ou do Desaparecimento – 10/08/2007

Profª Lusenilde Dantas Castro

A Folha de S. Paulo publicou no Caderno Especial Mais! os conceitos-chaves do filósofo Jean Baudrillard:

### **Sociedade de consumo**

Preocupação principal das primeiras obras de Baudrillard: necessidades, forças e técnicas naturais são substituídas por um sistema em que os objetos de consumo dão forma e significado à vida cotidiana.

### **Pós-modernidade**

É definida como o vazio deixado pelo desaparecimento das ideologias e dos limites da modernidade, embora Baudrillard recusasse o rótulo de “pós-moderno”.

### **Simulacro**

Enquanto o mundo moderno era organizado em torno da produção, o mundo pós-moderno é regulado pela reprodução, pela simulação. Diferentemente da imitação ou do fingimento -casos em que a diferença entre produto e realidade se mantém-, o simulacro (a TV, a realidade virtual) confunde realidade e ilusão.

### **Hiper-realidade**

É o mundo dos simulacros em que as pessoas vivem, a sociedade de imagens -idealizadas pela TV, rotuladas pelos meios de comunicação de massa e distantes do cotidiano do trabalho- que substitui a sociedade de classes e do trabalho.

### **Fim do trabalho**

Nos anos 1970, Baudrillard rompe com o marxismo, que, segundo ele, perde sentido no mundo pós-moderno: o trabalho deixa de ter valor em si, aparecendo apenas como mais “um signo entre outros”, um sinal de status ou modo de vida.

### **Sedução**

Com seus rituais ambíguos, opõe-se ao conceito de “sexual” – este está associado à produção. A sociedade burguesa teria subvertido a ordem original, em que a sedução viria primeiro. Ao tentar resgatar o conceito de sedução, no final dos anos 1970, Baudrillard o associou ao feminino, criticando, porém, o feminismo - o que gerou mal-estar no círculo dos estudos de gênero.

### **Orgia e pós-orgia**

A expansão cultural moderna aparece como “orgia”. Baudrillard ressalva não se tratar de liberação, mas de “metáfora da liberação” manifesta na sociedade moderna. A sociedade contemporânea, portanto, viveria a pós-orgia, a reação a essa explosão -uma implosão.

### **Implosão**

Conceito emprestado do canadense Marshall McLuhan (1911-80), nomeia o colapso da diferenciação entre os planos econômico, político, artístico etc. Na sociedade da simulação, a economia e a vida “reais” não se diferenciam mais dos simulacros; a sexualidade permeia tudo.

### **Transestética**

Situação conseqüente da implosão: ao mesmo tempo em que a arte tudo permeia, ela deixa de ser entendida como fenômeno próprio; seu poder de oposição à realidade desaparece, juntamente com suas normas.

<http://1001gatos.org/jean-baudrillard/> acesso 30062007

As imagens que nos devoram

Antropofagia e Iconografia

Imagem nº 1 - A corrida entre a máquina de escrever e a máquina de costura

No ano de 1919, na rua Koethener, em Berlim, os divertidos dadaístas, em mais uma de suas concorridas sessões públicas, promoveram uma corrida entre uma máquina de costura e uma máquina de escrever. Enquanto Raoul Hausmann costurava febrilmente uma tira de tecido juntando uma ponta à outra, Richard Huelsenbeck datilografava, como louco, página após página, de uma escrita qualquer. Quando o juiz e narrador George Grosz anunciou a vitória da máquina de costura, Huelsenbeck atirou a máquina ao chão em uma encenação de protesto, arrebrandado-a.

Talvez sem saberem a extensão de sua brincadeira-heppening, os dadaístas estavam vislumbrando naquele momento a derrota da escrita e sua lentidão e a vitória da sutura, do pesponto e da costura em seu gesto veloz de juntar pedaços. Já estávamos vivendo em um mundo ora rasgado, ora recortado, ora dilacerado e que somente se manteria como imagem de mundo se fosse costurado na forma de montagem ou colagem. A linha, que até então servira à escrita, passaria a ser apenas o fio que costura as imagens já prontas, imagens prêt-à-porter, porém sempre de segunda ou terceira mão, sempre já previamente digeridas pelos distribuidores de imagens em grande escala que já prenunciavam na atividade jornalística e na publicitária. A cultura do lento tecer criada pela escrita estava perdendo seu lugar para a cultura imagética da colagem e da montagem, da velocidade e da voracidade: uma imagem devora a outra velozmente, transformando-se em outra imagem, também pronta para ser devorada. A costura é a metáfora da colagem e da montagem. E a colagem é a representação por excelência das imagens que devoram imagens que, com razão, reivindicou Hans Belting na Casa das Culturas do Mundo em Berlim em janeiro de 1999, no primeiro seminário sobre as relações entre a imagem e a violência. Assim, temos na devoração de imagens pelas próprias imagens, uma das configurações daquilo que denominei "iconofagia".

Imagem nº 3 - A escrita e a imagem

A escrita nasceu das imagens figurativas. As superfícies de pigmentos e cores, espacialidades bidimensionais foram se reduzindo paulatinamente à unidimensionalidade da linha. Mas a palavra 'linha' vem do latim línea, que significava 'fio de linha' 'corda ou cordel de linho'. Aqui temos o entroncamento, de onde nasceram, por um lado, o tecido, a roupa, as vestimentas em enfim, a moda e, por outro, a escrita, ambos veículos da chamada mídia secundária (Harry Pross). O desenvolvimento de cada um foi exatamente na direção oposta do outro. Enquanto a escrita nasce dos desenhos e das superfícies pintadas e se transformam em linha, o fio de linha se ordena em trama e urdidura com outros fios para se transformar em superfícies de tecidos. As direções de movimentos são, em princípio, invertidas: a imagem vira linha para criar a escrita e a linha vira trama para dar origem às superfícies, para fazer os tecidos, para constituir as redes. Acontece que o século XX, o século da imagem, fez renascer a escrita imagética. Com o Futurismo, com o Cubismo, e sobretudo com Dada, mas também as artes aplicadas, o design e a propaganda passaram a iconizar a escrita e as letras voltaram a ser imagens, como no princípio permitindo que também a escrita e a letra recuperassem sua natureza bidimensional da origem. As imagens, superfícies bidimensionais, oferecem espaço para que nós, homens, entremos em seu mundo rapidamente.

Ao contrário da escrita que exige tempo de leitura e decifração, permitindo a escolha entre entrar ou não em seu mundo, a imagem convida a entrarmos imediatamente e não cobra o preço da decifração. A imagem não exige uma senha de entrada, pois o seu tributo é a sedução e o envolvimento. A imagem nos absorve, nos chama permanentemente a sermos devorados por ela, oferecendo o abismo do pós-imagem, pois após ela sempre há uma perspectiva em abismo, um vazio do igual (ou, como dia Walter Benjamin, uma "catástrofe" do sempre igual"), um vácuo de informações, um buraco negro de imagens que suga e faz desaparecer tudo o que não é imagem. Norval Baitello Junior - 28/mar/2000 - Imagem Sescsp

19/07/2007 - 11h34

**TV evita divulgar imagens de queda de vítima do edifício da TAM**

A TV Cultura optou por não divulgar imagens exclusivas do acidente com o Airbus-A320 da TAM. A emissora informou ter filmado a queda de uma mulher do edifício da TAM Express, que foi consumido pelas chamas após a colisão da aeronave. Segundo o canal, o material é composto por "imagens fortes,

cuja divulgação não condiz com as normas que devem orientar a prática do Jornalismo Público". TV Cultura

Pessoas aguardam socorro no alto do edifício em chamas da empresa Tam Express

Na terça-feira (17), às 18h50, horário do acidente, uma equipe da emissora estava em Congonhas produzindo uma reportagem sobre segurança na pista do aeroporto. A repórter Laís Duarte e o cinegrafista Marcelo Scano se encontravam próximos ao portão de embarque dos passageiros. Ao notarem a explosão, correram para o local do acidente e fizeram as primeiras imagens em solo.

A TV Cultura ofereceu imagens à imprensa, mas selecionou o material, excluindo as cenas mais fortes -- incluindo a queda da mulher, supostamente funcionária da TAM, do alto do prédio atingido pelo avião. A foto nesta página foi reproduzida a partir das imagens em vídeo disponibilizadas pela emissora.

O Airbus-A320 teria derrapado na pista principal de Congonhas, ao pousar. Sem controle, ele cruzou a avenida Washington Luís e atingiu um prédio da TAM Express e um posto de combustíveis. O choque causou um incêndio de grandes proporções.

Confira a íntegra da nota divulgada na quarta-feira (18):

"A TV Cultura decidiu não veicular nem ceder imagens captadas ontem [terça-feira] por sua equipe de reportagem, mostrando a seqüência da queda de uma suposta funcionária da TAM do alto do prédio da empresa, atingido por uma aeronave.

A emissora considera que são imagens fortes, cuja divulgação não condiz com as normas que devem orientar a prática do Jornalismo Público. Conforme o Guia de Princípios do Jornalismo Público, 'destacar só os desvãos mais sombrios dos fatos gera nas pessoas um entendimento fatalista do mundo, que deixa de ser um projeto humano, resultado da vontade dos homens, para se tornar uma sucessão de eventos inexoráveis sobre os quais nunca se pode interferir'."

<http://www1.folha.uol.com.br/folha/ilustrada/ult90u313289.shtml> acesso 21072007

Jean Baudrillard

Por que, antes de mais nada, as Twin Towers? Por que as duas torres do World Trade Center?

Todos os grandes *buildings* de Manhattan até então participavam de uma verticalidade competitiva, responsável pelo célebre panorama arquitetônico da cidade. Essa imagem mudou em 1973 com a construção do World Trade Center. A efígie do sistema passou então do obelisco e da pirâmide para o cartão perfurado e o grafismo estatístico. Esse grafismo arquitetônico encarna um sistema não mais de concorrência, mas digital e contábil, no qual a concorrência desaparece em benefício das redes e do monopólio.

O fato de que eram duas significa a perda da referência original. Se houvesse apenas uma, o monopólio não estaria perfeitamente encarnado. Somente a duplicação do signo acaba realmente com o que ele designa. Há um fascínio particular nessa duplicação. Por mais altas que sejam, as duas torres, contudo, significam um ponto final na verticalidade. Elas não são da mesma raça que os outros *buildings*. Culminam no exato reflexo uma da outra. Os *buildings* do Rockefeller Center ainda projetavam suas fachadas de vidro e aço numa espetacularidade infinita da cidade. As torres não têm mais fachada nem rosto. Ao mesmo tempo que a retórica da verticalidade, desaparece a retórica do espelho. Com esses monólitos perfeitamente equilibrados e cegos, só resta uma espécie de caixa preta, de série fechada no duplo, como se a arquitetura, à imagem do sistema, não procedesse mais que da clonagem e do código genético imutável.

Nova York é a única cidade do mundo a retrair assim, ao longo da sua história, com uma prodigiosa fidelidade, a forma atual do sistema com todas as suas peripécias. Deve-se, portanto, supor que o desabamento das torres – acontecimento ele próprio único na história das cidades modernas – prefigura a concretização dramática dessa forma de arquitetura e do sistema por ela encarnado. Como pura "modelização" informática, financeira, contábil, digital, eram o cérebro dele. Ao ataca-las, os terroristas atingiram, portanto, o centro nevrálgico do sistema. A violência do global também passa pela arquitetura, pelo horror de viver e trabalhar nesses sarcófagos de vidro, aço e concreto. O pavor de morrer aí é inseparável do pavor de aí viver. Por isso a contestação dessa violência passa também pela destruição dessa arquitetura.

Esses monstros arquitetônicos sempre suscitaram um fascínio ambíguo, uma forma contraditória de atração e repulsão, e, portanto, em algum lugar, um desejo secreto de vê-las desaparecer. No caso das Twin acrescenta-se a isso tudo essa simetria perfeita e essa condição de gêmeas, com certeza uma qualidade estética, mas sobretudo um crime contra a forma, uma tautologia da forma, que provoca a tentação de quebrá-la. A própria destruição respeitou

essa simetria: duplo impacto com alguns minutos de intervalo – suspense que leva a crer ainda que possa tratar-se de um acidente: mais uma vez é o segundo impacto que assina o ato terrorista.

O desabamento das torres é o acontecimento simbólico maior. Imaginem se elas não tivessem desabado, ou que apenas uma delas desabasse, o efeito não seria de modo algum o mesmo. A prova gritante da fragilidade da potência mundial não teria sido a mesma. As torres, que eram o emblema dessa potência, ainda a encarnam nesse fim dramático, que lembra um suicídio. Vendo-as desabar sozinhas, como numa implosão de que estavam suicidando-se em resposta ao suicídio dos aviões suicidas.

Ao mesmo tempo objeto arquitetônico e objeto simbólico, evidentemente que se visou ao objeto simbólico; pode-se imaginar que a destruição física acarretou o desabamento simbólico. Mas é o contrário: a agressão simbólica acarretou o desabamento físico. Como se a potência que dava sustentação às torres tivesse bruscamente perdido toda a capacidade de absorver impactos. Como se essa potência arrogante cedesse bruscamente sob o efeito de um esforço demasiado, o de querer ser o único modelo do mundo. Cansadas de ser esse símbolo pesado demais para suportar, elas sucumbiram, desta vez, fisicamente, verticalmente, esgotadas, diante dos olhos arregalados do mundo inteiro.

É bastante lógico que a ascensão da potência exacerba a vontade de destruí-la. Mas há mais: de alguma forma, ela é cúmplice da sua própria destruição. Essa denegação interna torna-se mais forte na medida em que o sistema se aproxima da perfeição e de ser Todo-Poderoso. Tudo aconteceu, portanto, através de uma espécie de cumplicidade imprevisível, como se o sistema inteiro, fragilizado internamente, entrasse no jogo da sua própria liquidação. Logo, no jogo do terrorismo. Disse-se: “Deus não pode declarar guerra a si mesmo”. Sim, pode. O Ocidente, na posição de Deus, divinamente Todo-Poderoso e de legitimidade moral absoluta, torna-se suicida e declara guerra a si mesmo.

Quanto à questão do que se deveria construir no lugar das torres, não há solução – não se pode imaginar nada equivalente que valha à pena ser destruído. As Twin Towers valiam o esforço. Não se pode dizer o mesmo de muitas obras arquitetônicas. A maioria das coisas não alcançam o merecimento de ser destruídas ou sacrificadas – somente as obras de prestígio o merecem. Essa proposição não é tão paradoxal assim e põe uma questão fundamental para a arquitetura: só se deveria construir aquilo que, por exemplo, fosse digno de ser destruído. Bastaria uma panorâmica em função dessa pergunta para se ver que poucas coisas resistiriam.

Existem precedentes célebres desse atentado, na destruição voluntária de obras sublimes, cuja beleza ou o poder são como uma provocação. A destruição criminosa do Templo de Éfeso, Roma e Heliogábalo, o incêndio do pavilhão dourado em Mishima. Sem esquecer, em *O Agente Secreto*, de Conrad, a tentativa anarquista de dinamitar o Observatório de Greenwich, “para libertar o povo do tempo”.

Seja como for, as torres desapareceram. Mas nos deixaram o símbolo desse desaparecimento, o símbolo do desaparecimento possível do poder absoluto que encarnavam. Aconteça o que acontecer, esse poder foi destruído ali, num instante.

Por outro lado, se as duas torres desapareceram, não estão aniquiladas, nem mesmo pulverizadas. Deixaram-nos a forma dessa ausência. Todos aqueles que as conheceram não conseguem parar de imaginá-las, elas e o desenho delas no céu, visíveis de todos os pontos da cidade. O fim no espaço material as fez entrar num espaço imaginário definitivo. Pela graça do terrorismo, tornaram-se o mais belo edifício mundial – o que com certeza não eram quando existiam.

Seja lá o que se pense da sua qualidade estética, as Twin Towers eram uma performance absoluta e a destruição delas é, ao mesmo tempo, uma performance absoluta. Isso, contudo, não justifica que Stockhausen exalte o 11 de setembro como a mais sublime das obras de arte. Por que um acontecimento excepcional deveria ser uma obra de arte? A apropriação estática é tão odiosa quanto a apropriação moral ou política – sobretudo quando o acontecimento só é tão singular por se situar precisamente para além de qualquer comentário. Por absorver toda a imaginação e não ter sentido, ele não pode ser representado. Fecha-se, como diria Rothko, em todas as direções. Não possui equivalente. O único eco estaria, quem sabe, em algumas formas de arte moderna, que se pode chamar de terroristas, portanto anunciadoras de um tal acontecimento, mas jamais como representação. Depois de um acontecimento desses, é tarde demais para a arte, tarde demais para a representação.

A utopia situacionista de uma equivalência da arte e da vida era substancialmente terrorista. Terrorista é o ponto extremo em que a radicalidade da performance artística, ou da idéia, entra na própria coisa, na escrita automática da realidade, numa projeção poética de situação. Mas se a arte pode sonhar em ser esse acontecimento material que absorve qualquer representação possível, está muito longe disso, e nada da ordem da imaginação ou da representação pode igualar ou comparar-se, hoje, com um acontecimento desses.

Veja-se o caso da alegoria perturbadora desse artista africano a quem se encomendou uma obra para a laje do World Trade Center. Obra que representava o próprio artista, com o corpo traspasado por aviões, como um moderno São Sebastião. Tendo comparecido para trabalhar, no seu ateliê, na manhã de 11 de setembro, ele morreu

esmagado, com sua obra, sob os escombros das torres. Tal seria, no fundo, o cúmulo da arte – a perfeição mágica da obra enfim realizada, transfigurada e aniquilada ao mesmo tempo pelo acontecimento que ela, em miniatura, antecipava.

Tudo está no primeiro instante. Tudo se encontra conjugado no choque dos extremos. A recusa desse momento de fascinação, que condensa, através da imortalidade da imagem, a intuição chocante do acontecimento, leva à perda de qualquer chance de captar-lhe o caráter excepcional. Todos os discursos só servem para nos afastar inexoravelmente e o poder do acontecimento perde-se em considerações políticas e morais.

Para um acontecimento único, exige-se uma reação única, imediata e incontestável, que utilize essa energia potencial – tudo o que disso deriva, inclusive a guerra, não sendo mais que uma forma de diluição e de substituição. Daí a dificuldade de enfrentá-lo sem tentar explicá-lo de alguma maneira. Todas as tentativas de dar-lhe um sentido, mesmo o mais sutil e favorável, acabam por negá-lo secretamente, pois o que faz acontecimento vem de uma dissociação dos efeitos e das causas, de uma primazia dos efeitos e de uma tal superação da causalidade que parece eliminar o princípio (sem dúvida, só acontece realmente aquilo que não tem razão bastante para acontecer). Tudo o que se pode fazer é responder a um acontecimento com outro acontecimento, através de uma análise eventualmente tão inaceitável quanto o próprio acontecimento. Se no acontecimento singular os efeitos se libertam das causas, então o pensamento sobre ele deve também se libertar dos seus pressupostos e referências.

Existe primazia do pensamento em relação ao acontecimento? Tem-se a impressão de que o acontecimento sempre esteve aí, presente por antecipação, e que ele vai mais rápido que o pensamento, criando, de repente, um vácuo em torno dele e despojando o mundo de toda a sua atualidade. De certa maneira, aliás, não o vivemos como se de fato tivesse acontecido, mas como uma fantasmagoria, com a angústia retrospectiva de que ele possa não ter acontecido. O mais ínfimo detalhe poderia ter determinado o fracasso de uma ação como essa e, sem dúvida, pela mesma ínfima razão – pois o destino é sutil – mais de um acontecimento excepcional terá deixado de acontecer. Mas quando acontece, provoca como que um efeito de sucção, de bomba de absorção que asfixia todos os acontecimentos futuros. De maneira que apaga não somente tudo o que lhe precedeu, mas também tudo o que virá depois dele.

Contudo, de algum modo, o pensamento o precede, pois também tenta produzir um vácuo, a fim de que surja o que não encontrou significado e certamente não encontrará jamais. Aquilo que distingue o pensamento radical da análise crítica é isto: a análise crítica trabalha para negociar o seu objeto de em troca do sentido e da interpretação, enquanto o pensamento radical tenta arrancá-lo dessa transação e tornar impossível a sua conversão. O interesse não está mais na explicação, mas num duelo, num desafio respectivo do pensamento e do acontecimento. É o preço para conservar a literalidade do acontecimento.

A análise radical mede-se com o próprio acontecimento. Não o considera como um fato – toda interpretação como “fato” é ela própria “facticia”. Se é verdade que a maioria dos acontecimentos se deixa reduzir à situação de fato, só merecem o nome de acontecimentos os que escapam disso. A análise tampouco é o espelho, pois qualquer face a face com o “real” é impossível, e o fato de que aconteça não diminui em nada a sua impossibilidade objetiva.

Convém tomar esse acontecimento como medida na sua impossibilidade, no seu aspecto inimaginável, mesmo como acidente. Se há acontecimento, ele só pode arrancar os conceitos do campo de referência em que se situam, o que torna vã qualquer tentativa de totalização, inclusive pelo Mal, ou pelo pior. Certo, o sistema persistirá sem trégua, mas também agora sem fim, nem mesmo o do apocalipse, pois este já está aí, sob a forma de liquidação inexorável de qualquer civilização, talvez até mesmo da espécie. *Mas ainda é preciso destruir o que foi derrubado.* O pensamento e o acontecimento estão atrelados nesse ato de destruição simbólica.

Tradução de Juremir Machado da Silva. Texto extraído do livro *Power Inferno*, de Jean Baudrillard, Editora Sulina, 2003. Link: Editora Sulina ([www.editorasulina.com.br](http://www.editorasulina.com.br)).

02/08/2007 - 12h10

"Não agüento mais, é desumano", diz viúva de co-piloto do Airbus TAM

"Quero somente informações oficiais. Não agüento mais a maneira desumana como estão tratando esta questão. A única coisa que eu sei é do profissionalismo do meu marido".

O desabafo emocionado é de Maria Helena, viúva do comandante que estava na função de co-piloto Henrique Stephanini Di Sacco, 54, do vôo JJ 3054 que morreu no acidente do avião da TAM, no último dia 17, no aeroporto de Congonhas, em São Paulo.

Dezesseis dias após a tragédia que matou cerca de 200 pessoas, Maria Helena diz estar cansada de tantas versões sobre o acidente e diz não se conformar com a maneira como o país está tratando o assunto.

"A corrupção é tão grande que vão colocar a culpa no piloto, na empresa... mas eu acho que na verdade o acidente aconteceu por uma série de fatores. Só que é mais fácil culpar quem não está mais aqui para se defender."

Enquanto autoridades e empresas apresentam dados sobre o acidente, Maria Helena diz que sua família tenta se poupar. "Fui aconselhada pelos meus filhos e não estou acompanhando mais nada do que a imprensa divulga. As pessoas dizem muita coisa, então, a partir de agora, eu só quero saber de informações oficiais."

Além da dor do luto, ela também está sofrendo com o assédio. "Não consigo trabalhar, não consigo me concentrar, me ligam de números confidenciais no meu celular perguntando se eu vou processar a TAM. Não agüento mais, estou cansada".

<http://www1.folha.uol.com.br/folha/cotidiano/ult95u317091.shtml> acesso09082007

05/08/2007 - 16h53

Prédio da TAM Express é demolido 19 dias após acidente aéreo

O prédio da TAM Express, na avenida Washington Luís (zona sul de São Paulo), foi demolido exatamente às 15h30 deste domingo, 19 dias depois do acidente com o Airbus-A320 da empresa, que matou 199 pessoas. A operação demorou 3 segundos (veja galeria de fotos).

A implosão consumiu 75 quilos de dinamite e a fachada do edifício recebeu telas para evitar que os estilhaços se espalhassem. Uma nuvem de fumaça e cinzas cobriu o local. Uma pequena parte do prédio, onde foram colocados menos explosivos por causa da proximidade de outros imóveis, terá que ser demolida com máquinas.

19 dias após acidente, prédio da TAM Express é demolido em São Paulo

A CET (Companhia de Engenharia de Tráfego) interditou ruas e avenidas para a demolição do prédio por alguns minutos para garantir condições de segurança no local, mas a maioria já foi liberada.

Apenas a Washington Luís, sentido centro/bairro, permaneceu fechada por mais tempo, mas foi liberada também --a via estava interditada desde o dia do acidente.

Já a Defesa Civil pediu que moradores de quatro quarteirões nos arredores do prédio deixassem suas casas momentaneamente hoje. Antes de retornarem, uma equipe checkou as estruturas e encanamentos de gás, para assegurar que nada foi afetado.

Depois que a Defesa Civil liberar o galpão, uma empresa contratada pela TAM, a BMS CAT, irá trabalhar no resgate de objetos pessoais das vítimas. Ainda não há previsão de quanto tempo levará a retirada do entulho, estimado em 18 mil toneladas, o suficiente para encher 1.000 caminhões.

A TAM doará a área do prédio à Prefeitura de São Paulo para a construção de uma praça em memória das vítimas do acidente ocorrido no local no último dia 17 de julho, quando o Airbus-A320 da empresa colidiu com o prédio matando 199 pessoas, sendo 187 ocupantes da aeronave.

Além do prefeito da cidade, Gilberto Kassab, o secretário de Subprefeituras, Andrea Matarazzo, o presidente da CET, Roberto Scaringella, e o secretário de Segurança Pública, Ronaldo Marzagão, presenciaram a implosão.

<http://www1.folha.uol.com.br/folha/cotidiano/ult95u317804.shtml> acesso 09102007